

Alexandre Oviedo Gonçalves e Mônica Chaves Abdala

“Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso”

Pessoalidade e Sociabilidade na Feira-Livre

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrónica

Alexandre Oviedo Gonçalves e Mônica Chaves Abdala, « “Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso” », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 Julho 2013, consultado o 20 Março 2014. URL : <http://pontourbe.revues.org/528> ; DOI : 10.4000/pontourbe.528

Editor: Núcleo de Antropologia Urbana

<http://pontourbe.revues.org>

<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://pontourbe.revues.org/528>

Documento gerado automaticamente no dia 20 Março 2014.

© NAU

Alexandre Oviedo Gonçalves e Mônica Chaves Abdala

“Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso”

Pessoalidade e Sociabilidade na Feira-Livre

Introdução

- 1 O ato de "fazer a feira", mais do que simples utilitarismo, agrega valores e significados. A prática desse comércio de rua constitui-se como um arranjo social, no qual são estabelecidas trocas simbólicas¹ e uma forte sociabilidade, uma afirmação e reafirmação dos laços sociais. Concepções de mundo, formas de viver e se relacionar, todo um sentimento comum está presente no apertado corredor da feira, onde encontros e desencontros acontecem.
- 2 A origem da feira-livre remonta ao século IX na Europa. Mercados locais organizavam-se com vistas a suprir a população com gêneros de primeira necessidade. Dessa forma, as feiras surgiam junto às primeiras aglomerações, inicialmente tidas como povoados e vilas e posteriormente cidades. Em um texto dedicado ao estudo da cidade, Weber (1979) demonstra o quanto seu aparecimento esteve intimamente ligado às feiras, centros de aglomeração humana a partir das atividades comerciais que instigaram a abertura de estradas e comunicações entre diferentes grupos.
- 3 Desde a Europa Medieval, as feiras se constituíam como espaços de sociabilidade, reunindo periodicamente mercadores de diversas regiões. A partir dos portos italianos consolidava-se um comércio terrestre, levando mercadorias orientais por toda a Europa Ocidental. Desde então, segundo Doronim e Araújo (2009), muitas formas de comércio foram “aperfeiçoadas”, de mercados às quitandas², do tabuleiro no meio da rua às diversas técnicas de venda e de convencimento presentes nas falas dos feirantes.
- 4 Do período Medieval à contemporaneidade as feiras apresentam-se como importantes espaços onde a relação estabelecida com o tempo e com os atores sociais, nas palavras de Doronim e Araújo,

“[...] concorre para que à vida citadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano” (DORONIM; ARAÚJO, 2009: 16).
- 5 Nesse sentido, as feiras constituem importantes espaços comerciais e sociais, nos quais, por meio das diversas maneiras de “fazer a feira” – atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, formas de agir e se relacionar – fomentadas por feirantes e fregueses, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos atores sociais no âmbito desses territórios construídos e reconstruídos (VEDANA, 2004).
- 6 Assim, intrigou-me, inicialmente, a seguinte questão: diante da comodidade dos grandes hipermercados, higienizados e “globalizados”, com seus preços baixos e enorme variedade de produtos, como e porque as feiras ainda persistem? Analisando os trabalhos de Doronim e Araújo (2009), Sato (2007), Vedana (2004) e outros autores, nota-se que desde seu aparecimento até à atualidade, as feiras-livres parecem manter o aspecto de local “informal”, cuja pessoalidade entre os sujeitos que a frequentam proporciona maior interação e fixação das relações sociais, sejam elas focadas ou não na compra de mercadorias. Seria a “pessoalidade”, forma de sociabilidade “comumente” atribuída aos brasileiros e ao mesmo tempo enigmática – pois sobre isto há controvérsias –, a resposta do problema proposto?
- 7 Partindo destas considerações e da literatura consultada, propus aprofundar o estudo sobre a maneira de se relacionar nesses espaços sociais registrando a vivência dos sujeitos, analisando a ritualização e a sociabilidade que os envolve. Para tanto, segui a proposta de Magnani (2007) que busca articular dois elementos: os comportamentos e os espaços e equipamentos urbanos. Nesse sentido, procurei observar padrões de comportamentos e regularidades na cidade a partir da feira-livre, observando algumas questões: como ocorrem os usos do espaço e quais códigos

se exercitam nas feiras; suas regras, contradições, amizades e animosidades; tensões e limites entre os sujeitos; vínculos de vizinhança e solidariedade.

- 8 Para a realização desta pesquisa tomei como objeto empírico a feira-livre do bairro Saraiva, na cidade de Uberlândia-MG. Parti da ótica do feirante em suas relações com os fregueses, procurando perceber conteúdos que, ao olhar do antropólogo, possibilitam a compreensão de regularidades de conduta e usos do espaço. (MAGNANI, 2002). Neste caso, a personalidade no trato entre feirantes e fregueses revelou-se como um significativo elemento de sociabilidade. Analisar seu significado, desvendando seu sentido e o valor que lhe é atribuído, auxiliou a compreender parte da problemática, revelando algo de nossa própria sociedade.
- 9 Trata-se de reconhecer que, num cotidiano comumente percebido como banal e insignificante e, por mais utilitaristas que possam parecer, as feiras-livres agregam sentimentos, significados e hábitos engendrados no "bate-papo e na conversa-fiada" entre aqueles que a frequentam. Um sentir comum, quase festivo, é compartilhado.

Procedimentos Metodológicos

- 10 O trabalho com o método qualitativo foi priorizado, recorrendo à observação participante e à técnica de entrevistas com o uso do gravador. Dessa forma, não preocupou o fornecimento de medidas precisas sobre os fenômenos observados. Foi realizada uma etnografia, buscando imersão nas formas de sociabilidade presentes em feiras-livres, partindo do pressuposto de que lugares supostamente comuns podem configurar uma rede densa e permanente de espaços para as análises e pesquisas sociológicas/antropológicas.
- 11 No entender de Magnani (2009), mais do que uma simples paisagem onde transcorre a ação social, a cidade seria o resultado de práticas e intervenções impostas por diferentes atores, sejam eles poder público, corporações privadas e moradores em suas interações, trocas e conflitos. Constantemente em processo, esse resultado constitui, *"um repertório de possibilidades que, ou compõem o leque para novos arranjos ou, ao contrário, surgem como obstáculos."* (MAGNANI, 2009: 132). Caberia, então, à etnografia captar esse duplo movimento:

[...] o que se propõe é um olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002: 18)

- 12 O que o autor propõe para a etnografia urbana, e estamos com ele nesta proposta, é este olhar *de perto e de dentro*, uma análise que parta dos arranjos dos próprios atores sociais num profundo mergulho em seu cotidiano. Junto à etnografia e à observação participante, recorreremos também a entrevistas semiestruturadas. Quanto às técnicas complementares, utilizamos a ficha do informante com um questionário socioeconômico e o caderno de campo, anotações feitas com o registro das condições em que as entrevistas ocorreram, contendo observações e reflexões do pesquisador durante a execução do estudo, com detalhes descritivos e pessoais.

De dentro de suas barracas (...)

- 13 De dentro de suas barracas podiam ver o que acontecia naquele apertado corredor de feira e todo tempo era gasto na companhia de fregueses e de outros feirantes.
- 14 Com o perdão da paródia³, gostaria de explicitar, de imediato, o quanto a noção de *pessoa* e das relações de personalidade é fundamental no fiar dos laços sociais em feiras-livres de Uberlândia-MG. Quando parodio Evans-Pritchard, procuro evidenciar não a ótica do antropólogo sob determinada circunstância – a vida social dos Nuer – mas a ótica do feirante, que, no marcar de uma ampulheta, cautelosamente observa tudo. E foi desta constante atenção que, num dia de trabalho de campo, em meio ao tumulto característico das feiras-livres,

um feirante me perguntou desconfiadamente: “ *você é novo por aqui, não é? Já estamos te observando há algum tempo! Você está ‘tomando nota’ de alguma coisa?*”

15 Tão logo me informaram que os feirantes estavam apreensivos com minha presença, pois não me conheciam e desconfiavam que fosse fiscal da Prefeitura ou da Vigilância Sanitária, tomado de assalto, apressadamente me apresentei, disse que estava fazendo trabalho de faculdade e que queria escrever algo sobre as feiras de Uberlândia.

16 Perguntas do tipo “Quem é você?” ou “Você é novo por aqui?” revelam a familiaridade entre os sujeitos de determinado grupo social. É uma maneira de dizer, nas categorias utilizadas por Magnani (1998), que você não é do *pedaço*, então tome cuidado para não criar uma atmosfera de tensão. Aqui, a noção de pessoa e a ideia de pessoalidade são características fundamentais de sociabilidade, pois revelam relações sociais de maior proximidade, sentimentos transbordantes que vêm do coração, como disse certa vez Holanda (1995).

17 Uma ambiguidade, pensaria a ortodoxia liberal, já que feira é mercado, e mercado deve ser regido pelas leis gerais da impessoalidade. Nesse sentido, mercado e ideia de cidadania deveriam ter esgotado as relações de pessoalidade no espaço público, elegendo o

“[...] indivíduo com um papel central dentro deste sistema... marcando o término de domínios e éticas particulares que operavam simultaneamente dentro de uma mesma sociedade” (DAMATTA, 1997: 70).

18 Deveriam, mas este não é o caso, conforme veremos adiante.

19 Mais que mero mercado, a feira revela algo de significativo em nossa sociedade, o valor pela pessoa e o horror ao anonimato. Apresenta o todo pela parte, permitindo ao cientista social apreender formas de sociabilidade essenciais em nossas relações sociais. Possibilita, portanto, por meio da análise da lógica de funcionamento de grupos sociais particulares, abstrair alguns padrões de sociabilidade.

20 Tomei como lócus de análise etnográfica a feira do bairro Saraiva, na zona sul de Uberlândia-MG. Posteriormente, para fins comparativos, percorri feiras-livres em diferentes regiões da cidade. As principais foram a do bairro Patrimônio, refúgio de negros no final do século XIX e início do XX e a da Avenida Monsenhor Eduardo, que ocorre aos domingos pela manhã e possui o maior número de feirantes e de consumidores. O intuito de percorrê-las era perceber se, em diferentes locais, um mesmo padrão de sociabilidade se estabelecia, já que os feirantes são praticamente os mesmos em todos os bairros da cidade. Sem muito espanto, percebi que esta modalidade de comércio prima sempre pela pessoalidade nas relações.

21 O cotidiano de um feirante começa cedo: às 6 horas da manhã as bancas já devem estar montadas e a rua começa a se transformar com as montagens. Padronizadas por leis municipais, as bancas obedecem à metragem e cores específicas, referentes à bandeira da cidade: lonas listradas em verde e branco. O comprimento é de aproximadamente 3 metros. Os feirantes podem ocupar o espaço de mais de uma banca, mas devem adquiri-la em acordo com a secretaria de abastecimento. Neste caso, paga-se uma sobretaxa pelo *ponto* à prefeitura e ao sindicato dos feirantes. Ao contrário do que pensam muitos, a feira-livre não é classificada como um comércio informal, pois é regularizada por leis, fiscalizada por órgãos municipais e federais (Vigilância Sanitária), há a atuação ativa de sindicato, paga-se impostos, enfim, existe uma racionalização como a de qualquer comércio regularizado. Para conseguir um ponto, é necessária uma licença liberada pela prefeitura. As vagas surgem quando algum feirante deixa de atuar em determinada feira ou quando esta passa a ocorrer em uma nova localidade.

22 Especialmente, a feira do bairro Saraiva, assim como a maioria das feiras-livres de Uberlândia, constitui-se em um cenário de várias barracas montadas lado a lado, transformando a rua num estreito corredor de aproximadamente dois metros de largura, que em meio à tonalidade vibrante das frutas e ao cheiro marcante das especiarias, aos anúncios de produtos e gestos dos feirantes, ao agito dos fregueses que passam de banca em banca conversando e escolhendo os “melhores produtos”, torna-se um local efervescente.

23 Atualmente a feira-livre do bairro Saraiva compõe-se de 30 bancas divididas em: 2 pastelarias; 1 banca de venda e reforma de utensílios domésticos; 3 bancas de brinquedos infantis, 1 de calçados e bijuterias; 4 bancas de ovos, farinhas e temperos; 1 peixaria; 1 açougue (frango congelado); 3 bancas de queijos e doces em compota; 14 bancas de frutas, verduras e legumes

e 1 senhor que foi autorizado a vender produtos à base de arnica, mas não possui banca, apenas um pequeno espaço entre duas bancas onde os expõe.

24 A montagem das bancas exige técnica e certo esforço. Primeiro encaixa-se a estrutura de apoio, feita de ferro e em formato de retângulo ou em cavaletes feitos com madeira. Com a estrutura montada, sobrepõe-se o *tampo*, uma placa de madeira onde os produtos serão expostos. Feito isso, encaixam-se nas laterais da banca as barras que sustentarão o teto com a lona. Por último, estende-se a lona que protegerá o feirante e os fregueses das intempéries do clima. O tempo para a montagem e desmontagem da banca dependerá da habilidade de cada feirante; o mais ágil começa a vender primeiro.

25 Montada a banca, inicia-se a exposição dos produtos. Laboriosamente, os alimentos são separados por tipos, tamanhos, cores e tonalidades. Raramente se misturam tipos de alimentos diferentes; frutas, verduras e legumes são separados com muita precisão. Cada barraca se diferencia de acordo com os produtos vendidos: hortifrutigranjeiros, peixes, temperos e especiarias, queijos e doces em compotas, pastéis, utensílios domésticos, bijuterias e roupas e calçados.

26 O *ponto*, local onde cada feirante ergue sua banca, é fixo e demarcado pela secretaria de abastecimento. Fica impedido ao feirante montar sua banca fora do local determinado, correndo o risco de ser autuado com multa pela fiscalização. Padronizar as bancas e demarcar o *ponto* tende a diluir a individualidade de cada feirante e a evitar rivalidades e conflitos. Em entrevista, Maria das Dores, feirante há mais de 30 anos - vendendo frutas -, relata que há cerca de 15 anos a municipalidade começou a regulamentar as demarcações de maneira mais rígida, pois eram frequentes os desentendimentos na disputa pelo *ponto*, que, em casos extremos, beiravam a agressões físicas.

Com a regulamentação da prefeitura, hoje os feirantes só podem montar suas barracas a partir das 6 horas, nos lugares já marcados. Antigamente era até mais difícil trabalhar na feira [...] Tinha dia que 3 horas da manhã a gente já tava na feira; tinha que chegar mais cedo pra achar um lugar melhor pra montar a barraca, mais pro meio da feira, né?! Agora hoje é diferente. Na época não tinha fiscalização, não tinha essas marcações pra montar as barracas que tem hoje, e quem chegasse primeiro é que arrumava um lugar melhor mais pro meio da feira. Por isso tinha mais desentendimento dos feirantes, porque tinha gente que achava que o ponto era só deles, mas na verdade era de quem chegava mais cedo.⁴

27 Atuando como intermediária, a municipalidade suavizou os conflitos diretos entre os feirantes, mas gerou um impasse entre estes e as próprias leis. Após a regulamentação, o ponto passou a ser impessoal e intransferível. Hoje, o feirante tem apenas o direito de utilizar o espaço demarcado para erguer sua banca, não podendo mais trocá-lo nem vendê-lo, prática comum antes da regulamentação e que gerava dubiedade, pois para alguns feirantes o ponto pertencia a eles, já que era hereditário/familiar, portanto, um bem pessoal; para outros, o ponto era de quem chegasse primeiro. Quando o conflito passou para o plano da regulamentação, os feirantes que se julgavam donos de determinado ponto se sentiram traídos, afinal “*por tantos anos meus familiares eram donos desse ponto e com a atuação da prefeitura, agora não podemos nem vender o que é nosso*”, asseverou certa vez Hugo. E prosseguiu:

Tem algumas coisas da prefeitura que os feirantes reclamam bastante é que agora é ela que regula tudo. Antes, se você tivesse um ponto numa feira e quisesse vender o ponto pra algum, não tinha problema. Agora a prefeitura proibiu isso e muitos feirantes ficaram revoltados. Isso é ruim né, porque tem gente que tá aí tem muitos anos e eles é que organizava tudo, se queria vender o ponto ou não.

28 Disso resulta um constante embate entre as leis universais e impessoais e um sistema que se utiliza de leis e relações pessoais. Este é o dilema brasileiro sobre o qual há muito se tem debatido nos meios acadêmicos nacionais. Como numa espiral, a problemática entre o público e o privado, entre indivíduo e pessoa, se mostra intrigante nas diversas esferas sociais; perpassa o estado, a religião, as relações do cotidiano e porque não o mercado, tão bem caracterizado pela impessoalidade liberal.

29 Deste dilema brasileiro, caracterizado por DaMatta (1994), temos de um lado o indivíduo – sujeito das leis universais que modernizam a sociedade – e de outro a pessoa – sujeito das

relações sociais que conduz ao polo tradicional do sistema de relações pessoais. São “modelos” de sociabilidade opostos, mas que se complementam. Não estão apartados do mundo concreto; esses “modelos”, se assim podemos chamá-los, parecem estar forçosamente imbricados, resultando num sistema social equilibrado entre essas duas unidades sociais básicas.

30 O sistema da pessoalidade vem à tona de diferentes maneiras e o primeiro caso evocado diz respeito à regulamentação das feiras-livres em Uberlândia pelas leis municipais. Quando essas leis passam a atuar, tendem a substituir um sistema de leis e relações pessoais por outro de leis universais. Para que se faça valer as leis, entra em jogo o fiscal, intermediando leis e feirantes. O drama está colocado, e num quadro ideal de classificação poderá ocorrer das seguintes maneiras: ou se absorve o fiscal, tornando esse ‘outro’ um ‘eu’, ou declara-se ‘guerra ao inimigo’. O primeiro caso – torná-lo amigo – é fundamental para burlar a aplicabilidade universal das leis; é o ‘jeito’ encontrado para resolver o dilema. Se não se pessoaliza este tipo de relação, se não se torna o mediador um ‘amigo’ para facilitar as transações, provavelmente haverá insatisfações e rejeições de ambas as partes.

31 É possível avançar um pouco mais. Não foram poucas as vezes em que, interpelando os feirantes quanto ao papel da fiscalização municipal, surgiram argumentações do tipo:

Quase não temos problemas com a fiscalização; o pessoal da fiscalização ajuda demais a gente; aqui todo mundo é amigo; a fiscalização é bem tranquila, primeiro tem as advertências verbais e raramente eles multam.

32 Neste caso, há uma cumplicidade entre fiscal e feirante, e não se evidenciam conflitos de interesses. Códigos culturais comuns são partilhados a partir de um sentimento de pertencimento, desde a mesma camada social até o apreço pelo mesmo time de futebol ou pela pescaria, formas de lazer constantemente evocadas pelos feirantes. Não é raro que um ou outro feirante demonstre cortesia ao fiscal presenteando-o com seu melhor produto.

33 Quando não há acordo possível, a atmosfera de tensão é sempre mais visível. Vejamos o discurso de Rodrigo, feirante de queijos e doces em compota:

Tem uns fiscal ignorante que dá desavença, alguns que criam caso e tal... já teve vez aí de falar até em matar fiscal de feirante. Teve uma época aí, com uns fiscais muito chato, né?! Inclusive eles até desistiram do emprego, nem voltaram mais. Têm outros que tão aí até hoje, os que são gente boa, que têm amizade com a gente.

34 Podemos nos aproximar do que DaMatta (1997), classifica como *ritual de reconhecimento*, quando, em nossas relações sociais o que sempre se espera em qualquer situação de conflito ou disputa é um agenciamento que humaniza e personaliza as situações formais, ajudando todos a hierarquizar as pessoas implicadas na situação. Daí a importância da proximidade pessoal entre fiscal e feirante, pois, se o *ritual do reconhecimento* é bem sucedido, as situações tendem a se resolver com maior facilidade. Para o autor, pertenceria à nossa consciência social

“[...] a distinção do tratamento por meio da regra geral como um modo de negar ou inferiorizar alguém. Assim, invocar a lei universal é quase que um eufemismo para a negativa que jamais é dada utilizando-se como foco a justificativa pessoal” (DAMATTA, 1997: 80).

35 Se o fiscal é um amigo, será improvável que ele invoque a lei universal, e tentará liquidar a situação dizendo: “*sendo seu amigo, não irei multá-lo desta vez. Mas tome cuidado, outros podem fazê-lo*”.

36 Nas páginas finais do ensaio “A questão da cidadania num universo relacional”, DaMatta (1997) faz questão de chamar a atenção do leitor para o fato de que é preciso trazer para o estudo sério o papel da amizade e da lógica das relações pessoais em geral como um dado básico da sociedade. Essa forma de convívio social, de sociabilidade ditada por uma ética de fundo emotivo, tenderia a repelir para longe o indivíduo abstrato, de leis gerais que não tenham como fundamento as comunidades de sangue, de lugar ou de espírito, na terminologia de Tönnies (2002). Tanto é assim que ainda hoje é possível presenciar – tal como no caso da feira-livre – aquilo que, espantado, um negociante da Filadélfia manifestou a André Siegfried: “*no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês, tinha a necessidade de fazer dele um amigo*” (SIEGFRIED apud HOLANDA, 1936: 141).

- 37 Mas minha intenção aqui não é apresentar a cordialidade ou a pessoalidade, ou mesmo o ‘jeitinho’ a la psicologia dos povos ou como identidade nacional, quase um mito para os estrangeiros que veem esse “povo brasileiro” como muito amistoso, pura simpatia e afetividade. O que quero demonstrar é como a pessoalidade parece ser um princípio estruturante de várias formas de sociabilidade. Se ela não pode caracterizar homoganeamente todas as relações sociais no Brasil, ela aparece constantemente nas diversas esferas do social, ora na política, ora na religião – pois aqui tratamos os santos com espantosa intimidade, como demonstrou Holanda – e por que não no comércio de rua, em feiras-livres que há muito demonstram essa afetividade calorosa e vibrante presente nos bate-papos em apertados corredores repletos de sons, cheiros e cores.
- 38 Durante algum tempo percorri os corredores da feira do bairro Saraiva. Mas, mesmo depois de várias “expedições” à feira, ainda sentia um clima de indiferença; o relativo anonimato auxiliou a reconhecer o quão importante é o sistema de relações pessoais. Lembremos DaMatta (1997), quando nota que o ponto crítico da identidade social no Brasil é o isolamento, o anonimato, quando não há possibilidade de definir alguém socialmente por meio de uma relação com alguma “pessoa”. Nada é tão perturbador quanto as perguntas: “Quem é você?” ou “Você é novo por aqui?!”.
- 39 Desse modo, notei que na feira as referências são sempre pessoas. Feirantes e fregueses se referem uns aos outros pelo nome. Não se diz: “*irei à banca de doces em compota*”, mas “*irei à banca do Sr. Wilson*”. A pastelaria é a do Bigode, cujo slogan é “*de pai para filho, para você cliente*”. Frutas, para alguns, só na banca do Hugo, e assim vai se tecendo uma rede de fidelidade, regra básica que assegura a coesão.
- 40 Por isto, não basta ser do bairro, nem simplesmente comprar na feira. Qualquer pessoa será atendida em qualquer banca, seja de verduras, frutas ou pastelaria; mas o clima de indiferença sempre se faz notar. É necessário criar laços fortes de sociabilidade, pessoalizando as relações, exercitando constantemente códigos comuns. Disto fica nítido que nem todos são tratados em “pé de igualdade”. Lá, reproduzem-se as relações hierarquizadas presentes em nossa sociedade. É a antiga frase, aqui ressignificada em “*aos amigos tudo, aos desconhecidos a lei*”⁵. Um desconhecido irá comprar um mesmo produto que alguém “amigo” compraria; ele poderá ser tratado com bastante cortesia, com a cordialidade que todos nós conhecemos, mas dificilmente poderá pechinchar ou reclamar dos preços sem criar uma atmosfera de tensão.
- 41 Há sempre uma tensão entre “desconhecidos”, e vez ou outra um desconforto se faz presente, como o que caracterizou uma cena quase ao final da feira, quando feirantes e alguns fregueses se reuniram num boteco para tomar uma cachaça e uma cerveja, e ali ficaram por alguns minutos antes de desmontar as bancas. Lá, “colocam o papo em dia”, debatendo frequentemente sobre futebol, sobre as “belas moças” que passam pela feira, sobre os produtos que tiveram maior ou menor procura, sobre preços, etc.
- 42 No calor do “bate-papo”, um homem de meia idade adentrou o bar, tomou uma dose de cachaça no balcão e escutando as vozes altas e risadas dos feirantes e fregueses que no momento discutiam a partida de futebol da noite anterior, resolveu interferir jocosamente no assunto, desqualificando o time que supostamente era da predileção de muitos dos presentes. Imediatamente o clima se tornou nebuloso e em pouco tempo o homem que se ‘intrometera’ teve de deixar o local sob acusações de que ele “*nem era ali da feira e não tinha direito algum de palpar sobre nada naquele local*”. Situações desse tipo demarcam os limites de quem está dentro e quem está fora, entre amigos e desconhecidos, do que pode ser dito e por quem.
- 43 A “arte de fazer” e a tal “malandragem” também são fundamentais. A pechincha, a negociação, ou as formas de anunciar os produtos expõem os sujeitos em suas relações de proximidade. Piadas e jocosidade atestam o fato; na feira, ser gracejado é ser aceito. Se você negocia algo, o faz brincando, e os anúncios dos produtos quase sempre são irônicos, de caráter dúbio: “Na banca do Seu Pedro é tudo mais gostoso!”.
- 44 Não é raro também presenciarmos cenas de “privilégios” em que feirantes guardam os melhores produtos do dia para “amigos fregueses”. Na pastelaria, pode ser que o pedido do “camarada” chegue antes. O amigo pode até “pendurar” a compra do dia e pagar na próxima semana. É o que diz Sr. Wilson, feirante de doces há mais de 30 anos:

Eu acho que no supermercado você não tem esse atendimento especializado. Aqui você sabe quem é o cliente. O pessoal vai muito na amizade, às vezes um feirante até indica um outro pro cliente que tá procurando um produto mais difícil de encontrar. O pessoal é muito amigo uns dos outros, se ajudam bastante, é muito solidário. Se você tiver dinheiro você leva, se não tiver leva do mesmo jeito. É isso que dá diferença na feira, a amizade que nós temos por aqui.

45 É um sistema de confiança que dificilmente um desconhecido irá usufruir. Isso pode parecer lógico a alguns que estão acostumados com esse modo de operar suas relações sociais. Mas pensemos esta situação nos hipermercados, em que a impessoalidade é a norma básica. Nestes locais, ou você compra ou não compra, não há meio termo. Seria inusitado encontrarmos alguém nas enormes filas pechinchando com o caixa, ou pouco comum alguém argumentar com o gerente que o tomate “não está lá essas coisas”, ou que a alface está murcha e “queimada”. Na feira, se você é um amigo, é possível pechinchar, negociar. E a negociação tanto será mais bem sucedida, quanto mais arduo for o sujeito que negocia.

46 Como notou DaMatta (1997), se compro e vendo a um parente ou amigo, minha inclinação ética não é tanto o lucro. Contudo, se comercio com um estranho, então a regra é explorar. Nesse sentido, troca e comércio exigem éticas sociais diferentes, como nota Mauss (2003) em *Ensaio sobre a Dádiva*. Em Weber (2004), esta seria uma característica das sociedades tradicionais; no movimento destas para as sociedades capitalistas ocidentais foi necessário o estabelecimento de uma ética única para tornar o comércio positivo e universal, dotado de uma única avaliação moral. DaMatta amplia o quadro de referência de Weber, demonstrando que tais éticas se situam para além da esfera econômica; elas são “contaminadoras de outras esferas da conduta social [...] elas podem perfeitamente conviver numa mesma sociedade, como no caso do Brasil” (DAMATTA, 1997: 47).

47 Conforme têm notado diversos estudiosos, dentre eles Holanda (1936), Candido (1993), DaMatta (1997), trata-se de considerações estruturais articuladas a um exame dos processos históricos e culturais que deram forma à sociedade brasileira a partir de um estado colonial que não operava por meio de agentes privados, mas de instituições e leis que ele mesmo criava como seus instrumentos de controle. Partindo de Dumont (1992), DaMatta considera que se trata de

“[...] um modo de organização burocrática, onde o todo predomina sobre as partes e a hierarquia é fundamental para a definição do papel das instituições e dos indivíduos” (DAMATTA, 1997: 76).

48 Nesse sentido, o senso de “comunidade” no Brasil seria heterogêneo, complementar e hierarquizado e sua unidade básica não estaria baseada em indivíduos, mas em relações e pessoas, famílias e grupos de parentes e amigos; já o indivíduo isolado e sem relações com os membros da comunidade seria considerado algo altamente negativo.

49 Essa é uma discussão que não se esgotará facilmente, mas a guisa de concluir esta primeira parte, temos que dentro de uma rede de parentesco e amizades, como no caso da feira-livre, o sujeito é necessariamente uma pessoa; um ser relacional, para usar a expressão de DaMatta, cuja existência se legitima pelos elos que mantém com outras pessoas num sistema de transitividade. Não são os feirantes e fregueses como indivíduos isolados que formam a feira, mas sim as relações que se estabelecem por meio da personalidade que legitimam o sujeito como membro desse espaço social, passando-o de indivíduo à pessoa.

Sociabilidade no “pedaço da feira”

50 Para DaMatta (1997), as relações sociais que se estabelecem no espaço da “casa” e da “rua” são de tipos diametralmente opostos e complementares. Estas esferas de significação social - casa e rua - mais do que separar contextos e configurar atitudes, conferem visões de mundo e éticas particulares. Nesse sentido, temos um código próprio da casa e da família (marcado pela noção de pessoa, avesso à mudança, à história, à economia e ao individualismo) e um código próprio da rua (marcado pela noção de indivíduo, aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista).

51 Ora, se observarmos, veremos que na feira-livre parece prevalecer o código da casa. Contudo, sendo mercado, há também o código da rua. Vimos, a partir de DaMatta, as possíveis confusões e conflitos gerados por se misturar estes dois códigos. Teoricamente, temos que resolver esse

aparente impasse. Se a feira apresenta-se como um espaço intermediário entre a casa e a rua, qual categoria usar para classificá-la?

- 52 Ao estudar as formas de lazer em bairros da periferia de São Paulo, a questão levantada em *Festa no Pedaco*, por Magnani (1998), resultou num sistema de classificação nativo, e numa categoria que posteriormente transcendeu seu *locus* de aplicação originária e dialogou com a fórmula representada pela oposição *rua* versus *casa*. Esta categoria, denominada *pedaco*, apontou para um domínio intermediário entre esses dois espaços. Se o primeiro é o lugar da família e o segundo é dos estranhos, o *pedaco* é o lugar dos amigos, dos chegados. Pertencer ao *pedaco* é estar sujeito a uma determinada forma de controle exercido por pessoas que se conhecem de alguma maneira.
- 53 Segundo Magnani, recebe o nome de *pedaco* quando o espaço assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações. De acordo com o autor:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 1998: 116).

- 54 A categoria sugerida por Magnani parece adequada para classificar as relações que se estabelecem na feira: algo mais que as relações da *rua* e algo menos que as da *casa*. Também não são todos que participam dessa rede de sociabilidade. Algumas vezes me referi à rede de relações estabelecida na feira como de pessoalidade entre amigos, entre aqueles que estão *dentro* versus os que estão *fora*. Posso agora classificar estes sujeitos de *dentro* como pertencentes ao “*pedaco da feira*”.
- 55 Temos dois elementos básicos que constituem o *pedaco*: um de ordem física, espacial – a feira-livre configurando um território claramente demarcado – e outro de ordem social – uma rede de relações que se estende sobre esse território e que me aproprio classificando como “*pedaco da feira*”. Das observações de Magnani (1998), a partir dessas características que definem fronteiras, observei que o território da feira também constitui um lugar de passagem e encontro. Muitos passam pela feira, mas poucos pertencem ao “*pedaco da feira*”. Por isso, não basta frequentar a feira, nem mesmo que se compre lá regularmente para pertencer a esse *pedaco*.
- 56 Conforme aponta Magnani, para pertencer ao *pedaco* é necessário estar situado integralmente e ser reconhecido como tal, numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comuns. É a rede de relações que possibilita instaurar um código capaz de separar, ordenar e classificar quem está “*dentro*” ou “*fora*” (MAGNANI, 2002: 26).
- 57 Tanto nas feiras-livres de bairro como nas do centro da cidade, onde há um trânsito maior de indivíduos que não se conhecem, a gramática do *pedaco* continua a mesma, pois a lógica é a de comunidade e vizinhança e para pertencer ao “*pedaco da feira*” deve-se estar sujeito a essas ordenações, pessoalizando as relações. Portanto, quando analiso as feiras do centro, vejo que para pertencer a esse *pedaco* não basta que os sujeitos se reconheçam como portadores de símbolos comuns, tais como hábitos de consumo, como apontou Magnani. São necessárias ainda solidariedade e lealdade, portanto, tempo.
- 58 A lógica de comunidade e vizinhança e os valores a ela correspondentes constituem uma base importante para fundamentar essas relações. Apesar desses sujeitos não morarem, necessariamente, nos mesmos bairros, ainda assim eles exercem relações semelhantes às de vizinhança e comunidade. Nas rotinas básicas, no dia-a-dia, feirantes e fregueses compartilham éticas comuns, códigos de lealdade e solidariedade, expressando sentimentos, tradições e histórias que lhes são próprias. Lembrando novamente Magnani (2002), nessas relações, venham de onde vierem, o que esses sujeitos buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento dos laços sociais. Não é raro presenciarmos, por exemplo, ditames do tipo: “*aqui na feira nós tratamos todos como uma família!*” Vejamos um fragmento do depoimento de Rodrigo, feirante há aproximadamente 20 anos:

Aqui é igual uma família mesmo. Quem vende na feira são várias famílias, aí acaba virando uma grande família. É uma amizade muito forte que se cria aqui, e com os fregueses é a mesma coisa.

Eles frequentam a nossa casa, a gente frequenta a casa deles... No meu ver a feira traz até uma certa alegria, uma certa diversão pro povo de uma cidade, porque uma cidade sem feira, pra mim é quase a mesma coisa de uma praça sem carrinho de pipoca.

59 Afirmar-se como família assinala justamente os traços que caracterizam uma sociabilidade de comunidade; ser da família é ser do *pedaço*, é justificar sua pertença a algum grupo. Há sempre um fundo emotivo; a feira traz alegria, traz diversão. Para alguns desses sujeitos, seria difícil imaginar uma cidade sem uma feira, assim como sem praças e igrejas. Nas palavras de Sr. Wilson: “*É o seguinte; toda cidade tem que ter uma praça, uma igreja, um cemitério e uma feira. A gente tem que cultivar isso, né?!*” São espaços urbanos que representam a possibilidade de apreendermos regularidades e padrões de conduta num sistema de determinados valores.

60 Desse sistema de valores, emergem éticas próprias, normas morais que tendem a eliminar relações de exploração entre os feirantes, culminando num código de solidariedade e cooperação no cotidiano, cuja principal infração seria a “*deslealdade praticada por preços baixos no intuito de atrair mais consumidores*”. Não se pode, nunca, roubar a freguesia de outro feirante. O feirante que se utiliza desta “*comum estratégia de mercado*” tende a ser excluído do *pedaço*. Para o freguês desleal, a regra é a mesma. Consumir em outra banca que não seja a de costume é considerado um ato de “*trairagem*” (traição), provavelmente sujeito a sanções. Pode ser que de pessoa, o sujeito volte à condição de indivíduo por algum tempo, sendo tratado com indiferença e às vezes com desprezo. A única forma de competição considerada legítima são os anúncios dos produtos, as artes de anunciar, sempre jocosas e de caráter dúbio. Ali, mais valerá a criatividade e a “*malandragem*” de cada feirante.

61 Saliento que essas regras só valem para quem é do *pedaço*. Vejamos mais alguns depoimentos. Lembra Sr. Gomes, dono da “*Pastelaria do Bigode*”, que:

[...] aqui a gente tem que ter o respeito pelo local de trabalho de cada um. Tem que ser tolerante também, porque volta e meia tem um aborrecido por aí. Não pode ficar com essas coisas de roubar freguês, e quando isso acontece é velado, ninguém fica falando disso. Cada um fica na sua que é pra não acontecer muita discussão, né?! Mas o feirante que faz essas coisas, que fica abaixando preço de produto, tentando roubar cliente do outro, ele mesmo sabe que isso é errado e que se continuar fazendo isso vai acabar sendo excluído entre a gente, né?! Daí ninguém faz essas coisas não. A gente tem um respeito mútuo muito grande.

62 Observa-se que não é preciso nem autuações verbais. Como nos diz Sr. Gomes, quando uma “*infração*” é cometida, “*ninguém fica falando disso*”, pois o próprio feirante sabe que está rompendo com as normas do grupo, desequilibrando o sistema. Vejamos outros depoimentos, como o de Rodrigo:

Aqui entre os feirantes quase não tem desavença. O que não pode é ficar fazendo concorrência desleal e roubar cliente. Quase não tem isso... Pode até existir mas é muito na calada. Tem aqueles ignorantes que faz concorrência desleal, mas são passageiros também, não ficam muito tempo na feira. Acabam sendo excluído.

63 Agir de certa forma e não de outra, seguir normas, envolve também determinada concepção de mundo e conduta de vida. Sr. Roberto, feirante de produtos nordestinos, dá exemplo de uma “*vida que se deve levar*” para nunca prejudicar os outros e nem fazê-los de bobos, pois “*bobo é quem tenta fazer o outro de bobo*”. Nessa situação, fala da concorrência dos supermercados nos dias da feira, abaixando os preços dos produtos.

Eu vou ser sincero com você... eu olho muito o lado humano, você entende como que é?! Eu acho que se eu tentar fazer alguma coisa pra tentar prejudicar o meu colega comerciante, eu acho que eu posso estar tentando esconder de você, mas todos estão vendo o que eu estou fazendo... Eu já ouvi pessoas dizer que bobo é quem tenta fazer o outro de bobo. Se eu tentar fazer você de bobo, às vezes pela sua educação, pela sua cultura, às vezes você não quer entrar em atrito, e você fala “tudo bem, beleza...”, mas no fundo você sabe que não é nada daquilo, que eu tentei te tapear. Então bobo não foi você, bobo foi eu que tentei fazer você de bobo. Eu credito que existe sempre lugar pra todos, né... e a preferência tá mesmo é na população... Eu acho que supermercado colocar promoções no dia de feira é enganar ou prejudicar o próprio consumidor, porque se ele coloca no dia de feira, então porque que ele não abaixa a mercadoria dele e vende todos os dias da semana... Porque só nos dias de feira?

64 Essa interface entre a conduta de vida de Sr. Roberto e seu juízo valorativo demonstra sua oposição ao estilo de comércio urbano tradicional, onde a concorrência e o monopólio sacrificam qualquer ética em nome do "jogo do capital". A feira, enquanto forma de relações solidárias, somente anda quando todos andam juntos. “*Aqui nós somos uma família, e o que a gente quer é que todos cheguem bem lá na frente*”, diz Sr. Gomes.

65 Salientei anteriormente que para pertencer ao “*pedaço*” não basta que os sujeitos se reconheçam como portadores de símbolos comuns; é necessário, também, criar laços de solidariedade e lealdade, mantendo assim o grupo coeso. Essa forma de sociabilidade, a capacidade de estabelecer redes de relações sociais criando vínculos emocionais, é recorrente nos depoimentos dos feirantes, como o de Sr. Roberto:

Existe uma união entre os feirante. Na medida do possível, por exemplo, se algum dos feirante tiver com algum problema no veículo, ou às vezes mesmo algum problema que tiver que dar uma saidinha da banca, às vezes o feirante que está mais próximo ajuda a olhar. Se a perua dele deu um problema, às vezes se for o caso de até rastar, a gente rasta a perua se precisar, né? Se acontecer de furar um pneu, às vezes aconteceu de furar dois pneu num dia só, e às vezes não deu tempo de mandar consertar e se a gente tiver disponível [algum veículo] a gente empresta... Então a união existe... a gente aqui é uma família pra falar a verdade.

66 No cotidiano desses feirantes, comumente entendido como banal e insignificante, podemos notar, portanto, uma densa rede de sociabilidade; relações que agregam sentimentos de lealdade e solidariedade, formas de perceber e agir no mundo. Sentimentos presentes também no “bate-papo e na conversa fiada” entre feirantes e fregueses, cujo significado ultrapassa o utilitarismo do comércio formal.

67 Ponto de encontro interessante é a pastelaria; “*seria uma ofensa ir à feira e não passar na ‘Pastelaria do Bigode’*”, disse certa vez um freguês que no momento comia um pastel. Pode-se ir à pastelaria antes ou depois de “fazer a feira”, o importante é ir e colocar o “papo em dia”. Muitos vão à feira somente para comer pastel e encontrar com os amigos, não consumindo nenhum outro produto. Homens, mulheres, crianças e idosos, todos desfrutam da grande variedade de sabores, principalmente o “misto de carne com guariroba”, um dos mais pedidos, afirma Sr. Gomes.

68 Notei que as conversas mais frequentes na pastelaria são sobre futebol, pescaria, conversas triviais do cotidiano, piadas. Trocam informações sobre familiares, empregos, amigos que não se veem durante algum tempo. No constante “bate-papo” são dadas notícias de falecimento – situação que certa vez presenciei – e também de filhos e netos que acabaram de nascer; notificadas desgraças e alegrias; debatem sobre política, sobre ações de vereadores e prefeito; o que se necessita no bairro, os perigos que afligem a cidade, tais como o trânsito perigoso na porta das escolas ou sobre a criminalidade; marcam encontros na igreja; organizam excursões; discutem sobre futebol, marcam as “peladas” (jogos de futebol às segundas-feiras) e organizam o campeonato de final de ano.

69 Trata-se do núcleo do “*pedaço da feira*”, centro aglutinador onde se discute uma infinidade de assuntos, estabelecendo uma rede de comunicação de serviços básicos como informações, entretenimento, alimentação, etc. Constitui-se como um ponto de encontro e passagem quase obrigatório. Enquanto se deliciam com as diversas opções de sabores, o espaço da pastelaria cimenta a coesão social, fomentando “conversas fiadas”, piadas, paqueras, ajudas mútuas, etc. Por isso a barraca de pastel não se limita em comer pastel, assim como a feira não se limita no ato da compra. Disto, compreende-se a popularidade do pastel com garapa das feiras!

70 Diante do exposto, procurei demonstrar como a personalidade parece constituir-se como um princípio estruturante de várias formas de sociabilidade. Dela, desdobra-se a ideia de *pedaço*, aproximando-se do sentimento de comunidade, cujos traços característicos são a lealdade e a solidariedade. As relações que se estabelecem na feira-livre e para além de seu espaço físico são, pois, tudo isso. No “*pedaço da feira*” os indivíduos fiam continuamente uma rede de sociabilidade cuja gramática moral se assemelha àquela imposta “*em casa*”, sendo mais densa e significativa que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. O *pedaço* permite reconhecer e classificar as pessoas, propiciando vínculos de lealdade e solidariedade.

Considerações Finais

- 71 Como propósito mais geral, este trabalho postula que as feiras-livres extravasam o utilitarismo da compra e venda de mercadorias. Além de “boa para comer”, a feira-livre revelou-se “boa para pensar” nossas relações sociais e formas de sociabilidade. As relações na feira não se encerram no ato da compra do alimento, assim como a alimentação não se encerra na ingestão; a sociabilidade ocorre quando o significado do ato de comprar e/ou comer extrapola seu sentido material e natural, transformando-se em interações sociais de significação densa.
- 72 Aproximamo-nos da equação do problema proposto. Se me permitem uma última paródia, penso que “*dizer que a feira é mercado seria truísmo, mas dizer que tudo na feira é mercado seria absurdo*”⁶. Talvez isso explique certo fetiche que temos pelas feiras. Mas isso não é tudo, parodiando mais uma vez esse maneirismo levistraussiano.
- 73 Acompanhando-os em sua rotina de trabalho, notei que a pessoalidade nas relações entre feirantes e entre estes e fregueses é fundamental. Nessas relações, a sociabilidade e a coesão do grupo supõem a presença dessa pessoalidade como um elemento básico estruturante, permitindo a passagem do “outro” para o “nós”, da condição de indivíduo à de pessoa. Este sistema de relações pessoais vem à tona de diferentes maneiras e procurei demonstrar algumas delas.
- 74 A partir destas constatações, utilizei a categoria *pedaço* trabalhada por Magnani, pois ela auxilia a identificar diferentes situações da dinâmica cultural e da sociabilidade na cidade. Neste caso, o “*pedaço da feira*” apresenta uma sociabilidade mais ampla do que a fundada nas relações familiares e mais significativa do que as relações individualizadas impostas pela sociedade. Consiste num território que permite a transição de determinadas regras e valores para outras. Como salientou Magnani, para além da soleira da casa, não surge “*tout à coup*” o resto do mundo.
- 75 Com um olhar atento percebemos que, frente ao anonimato dos grandes centros comerciais – modernos e higienizados supermercados e sacolões – as feiras-livres persistem – não sem dificuldades – reforçando o caráter de comércio informal centrado na pessoalidade do atendimento, concorrendo ainda a local de múltiplos eventos da vida social, ambientes lúdicos que combinam trabalho e lazer, locais de encontro de antigas e novas amizades, onde se discutem futebol, novela e política.
- 76 A partir dos casos apresentados, seria muito impreciso apresentar tais comportamentos como espontâneos, livres. Apresentam-se, antes, com regularidades, ações de consequências previsíveis, o que nos permite a possibilidade de sugerir um quadro de oposições e complementariedades – pequeno, mas inicial – de relações de aproximação e evitação como: 1) no pedaço: relações de aproximação entre feirantes-fregueses, feirantes-feirantes, fregueses-fregueses e feirantes-fiscais; 2) fora do pedaço: relações ambíguas e de enfrentamento ou evitação entre feirantes-fregueses, feirantes-fiscais.
- 77 Espaço intermediário entre a “*casa e a rua*”, o “*pedaço da feira*” nos permite apreender nuances que tangenciam e/ou combinam um passado rural, marcado por vínculos de vizinhança, com o presente urbano. Seja no bairro – marcado por relações de vizinhança – ou no centro da cidade – local onde os sujeitos não necessariamente se conhecem – grande parte dos indivíduos se reconhecem como portadores de códigos comuns que remetem a regras, orientações e valores semelhantes. (MAGNANI, 1998). Naquele apertado corredor onde se misturam sons, cheiros, cores e classes, um sentir comum, quase festivo, é compartilhado.

Bibliografia

- CANDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca; ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. O Fenômeno da globalização na era contemporânea presente nas feiras e mercados. (Um estudo comparativo: LUSO-

BRASILEIRO). *VIII Semana de Estudos Históricos do CERES - História e Cultura e Patrimônio - Caicó-RN*, 03 a 05 de setembro de 2009.

DURHAN, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. (Org.). *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras. [1936] 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, [1958] 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Etnografia como prática e experiência*. Horizontes antropológicos [online]. 2009, v.15, n.32, p. 129-156

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, 2002. p. 11-29.

_____. *Festa no pedaço*. Cultura Popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora UNESP. 1998.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. *Tempo Social: Revista Sociologia*. USP, São Paulo v. 1, n. 1, 1.sem. 1989. p. 29-46.

_____. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". *Ciência e Cultura*, v.3, n.39, mar. 1987.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicol. Soc.* v.19, n. especial, 2007, p. 95-102.

SOUZA, Jessé. A sociologia dual de Roberto DaMatta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 16. n. 45, fev. 2001.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidade e Sociedade*. Londres: Devon Publications. (trad. Charles P. Loomis), 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Conceito e categorias de cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VEDANA, Viviane. "Fazer a feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 59, 2009. p. 11-18.

Notas

1 Sobre trocas simbólicas ver: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

2 Quitanda, no sentido aqui utilizado, corresponde a um pequeno estabelecimento comercial onde se vendem ovos, frutas, verduras, cereais, materiais de limpeza e pequenos objetos da lida doméstica. Na cozinha mineira, o significado mais comum corresponde a tudo aquilo que é servido com o café, como bolos, biscoitos, sequilhos, broas e pães de queijo.

3 A paródia se refere a uma passagem de *Os Nuer* – Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota, na qual escreveu Evans-Pritchard, nas primeiras páginas de sua clássica etnografia: "Da porta da minha barraca podia ver o que acontecia no acampamento ou aldeia e todo tempo era gasto na companhia dos Nuer." EVANS-PRITCHARD, E. E. , *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva. 1978. p.20

4 Os nomes são fictícios para preservar o anonimato.

5 O provérbio "original" diz: "Aos amigos tudo, aos inimigos a lei".

6 A paródia refere-se a um trecho em que Lévi-Strauss argumenta: "[...] dizer que uma sociedade funciona é truismo, mas dizer que tudo nessa sociedade funciona é um absurdo". LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, [1958] 2008.

Para citar este artigo

Referência eletrônica

Alexandre Oviedo Gonçalves e Mônica Chaves Abdala, « “Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso” », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 Julho 2013, consultado o 20 Março 2014. URL : <http://pontourbe.revues.org/528> ; DOI : 10.4000/pontourbe.528

Autores

Alexandre Oviedo Gonçalves

Aluno do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. E-mail: oviedotho@yahoo.com.br

Mônica Chaves Abdala

Dr.^a em sociologia pela Universidade de São Paulo e Prof.^a do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mcabdala@ufu.br

Direitos de autor

© NAU

Resumos

Logramos aqui explorar as formas de sociabilidade presentes no cotidiano de feiras-livres em Uberlândia-MG. Para tanto, vicejamos nos estudos do cotidiano e na antropologia urbana o nosso referencial conceitual. A observação *in lócus* seguida da etnografia foram pontos nevrálgicos. A feira apresenta-se como local de sociabilidade, revelando conteúdos que, ao olhar do antropólogo, possibilitam a compreensão de algumas atitudes e padrões de comportamento. Basta um olhar mais atento para perceber que, frente ao anonimato dos indivíduos nos modernos e higienizados supermercados, as feiras reforçam o caráter de comércio informal centrado na pessoalidade do atendimento, concorrendo ainda a local de múltiplos eventos da vida social.

This paper aims to explore various sociability types seen on everyday life of public fairs in Uberlândia, MG. Thereunto, our concept-based referential was searched in between everyday life sociological studies and urban anthropology. Camp observations along ethnography were essential. The public fair presents itself as a sociability site capable of revealing content which, through anthropologist's eyes, enable some behaviors and attitude's comprehension. A closer look is enough to realize that, considering the individual's anonymity around the sanitized supermarkets, the public fairs reinforce the informal commerce character centered on treatment's personhood, yet concurring to host multiple events of social life.

Entradas no índice

Keywords : ethnography, public fairs, urban anthropology, sociability

Palavras chaves : etnografia, feiras-livres, pedaço, sociabilidade